

## NARRATIVAS FEMININAS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DAS FIBREIRAS

Silvano Fidelis de Lira

Universidade Federal da Paraíba  
silvanohistoria@gmail.com

**Resumo:** O texto apresenta algumas reflexões sobre o trabalho feminino nos campos e motores de agave, atividade econômica que durante a segunda metade do século XX teve grande importância para o interior nordestino. Nesse contexto mulheres desempenharam um papel de protagonismo, ganhando espaço onde as práticas de masculinidades excluía e segregavam, para ter acesso às construções simbólicas e as narrativas dessas mulheres, utilizei da metodologia da História Oral.

**Palavras-Chave:** Trabalho; Mulheres; História Oral.

*O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele tá pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavrão que fazia vergonha. No motor de agave. Acredita? Era João de Conceição. Eu sofri muito.<sup>1</sup>*

As palavras de Julieta de Castro além de trazer para a discussão da presença das mulheres nos campos de agave mostram também as tensões existentes entre homens e mulheres, os conflitos que se configurava no cotidiano do trabalho e que foram capazes de deixar marcas, no corpo e na alma dessas pessoas. O ressentimento que ela mostra em sua fala é uma resposta as humilhações e ao desrespeito a que estava submetida pelos homens do motor. Os homens não só ditavam as regras a que elas deveriam ser submetidas, mas também demarcavam os espaços em que elas poderiam habitar, que deveria ir e vir. Essas mulheres estavam controladas pelos dispositivos de masculinidade que dominavam o trabalho nos campos e nos motores de agave.

Quando realizei as primeiras entrevistas com os trabalhadores dos campos e motores de agave eu quase que desconhecia a participação feminina nesse trabalho. Até então só tinha ouvido narrativas masculinas, ou de mulheres que ignoravam o trabalho de outras mulheres e falavam apenas de homens. Em minha mente, tudo que se falava da produção, da comercialização e do trabalho no campo de agave era masculino, era traçado pelos fios da masculinidade. Aos poucos fui percebendo que mulheres também tiveram uma participação direta naquela história. Quando entrevistei a primeira mulher, do grupo de dez pessoas que colaboraram com a pesquisa percebi que

---

<sup>1</sup> Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

elas não só trabalharam, mas que tiveram um papel de destaque, que embora fossem tidas como inferiores e subalternas, haviam constituído novos espaços de criação de si.

Certa vez, Dona Julieta, uma jovial senhora de sessenta e três anos, me recebeu em sua casa e narrou suas experiências, contou-me de como era difícil trabalhar naquele lugar, de conviver com aqueles homens, embrutecidos, machistas e extremamente opressores. Sentada num confortável sofá e rodeada de coloridas almofadas, aquela senhora narrava suas memórias e ao mesmo tempo estabelecia comigo uma relação de intimidade, falou de seus amores, de suas aventuras e de suas dores, dores da alma por estar num lugar onde era discriminada e hostilizada. Em primeiro lugar ela deixa claro que não era a única mulher a seguir todos os dias às seis da manhã para o trabalho na fibra do agave;

Não. Era eu tinha doze anos, eu ia mais minhas irmãs. Ia mais minhas irmãs, depois mais Miguelina, Miguelina ali. Trabalhei mais Miguelina e a finada Nina, irmã dela. O finado Antônio Velho, a finada Joventina e Inácio Benedito, nós trabalhava tudim, aquela ruma de gente trabalhando. Três mil réis, a semana, apanhava fava até onze horas, ai de onze horas ia almoçar.<sup>2</sup>

Identificar outros sujeitos que partilham da vida de quem narra a memória, além de ser uma tentativa de identificação dentro de um grupo, faz parte do que chamamos de memória coletiva, uma memória que não consegue existir por si só, mas que busca a todo tempo se entrelaçar com o outro. Seguir cedinho para o campo de agave, unir as amigas e as irmãs para seguirem juntas me parece uma primeira tentativa de se criar um universo feminino dentro daquele espaço onde a palavra masculina era revestida de um sentido de autoridade e força. Mesmo o cunhado dela era capaz de lhe dizer palavras, que feriam, que humilhavam e que a colocava num lugar maldito, sobre elas pesava a intensa violência (SEGATTO, 2003) de gênero, essas mulheres estavam marcadas pelo signo da exclusão.

O olhar masculino de Francisco Maciel Neto lança sobre a questão do trabalho feminino nos motores de agave pacifica a questão, segundo ele, elas até podiam vir no motor, mas era só para fazer alguma coisa. Ele não desconsidera a existência de um certo tipo de desrespeito por parte dos homens, mas especifica que quando as mulheres chegavam eles mantinham o respeito, mas diz em sua narrativa de maneira clara que elas eram excluídas, vinham e faziam alguma coisa, mas tinham que voltar imediatamente para o campo, lá, longe, as mulheres estavam livres daqueles rudes homens, de suas palavras, de seus atos e de seus desejos;

---

<sup>2</sup> Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

Era. Elas ficavam lá pro campo isoladas, se viessem no motor era pra botar água, alguma coisa. Mais eram lá pros canto deles. Quando era pra cuidar do feijão, alguma coisa elas vinham, mais eram separadas. Era, viu? É, tinha sim. Tinha muito, mais depois se acostumava. Porque o camarada tem que entrar com respeito, a mulher vem com respeito. Se diz uma brincadeira é com um conhecido, uma brincadeira ali, aquilo ali passa, ninguém fica aplaudindo não. As mulheres sempre eram lá, no campo, estendendo a fibra limpando.<sup>3</sup>

Mas por que elas precisavam ficar isoladas? Quais perigos ofereciam? Ou será que corriam perigo? O campo, onde o agave era estendido pelas mulheres ficava numa relativa distância do motor, lá elas tinham que limpar e estender toda a fibra. Era um trabalho bastante penoso e a fibra ainda molhada estava completamente encharcada daquela substância que provocava intensa coceira, isso fazia com que as mulheres tivessem seus braços atingidos por aquele líquido, muitas vezes causando feridas. Naquele espaço as mulheres tinham um espaço só delas, um recanto íntimo, onde poderiam falar das coisas de que eram privadas pelos homens. Outros amores, outros sonhos, outros desejos. As mulheres não se submetiam, faziam dali um espaço de criação de si, de novas subjetividades. Algumas até gostavam de estar separadas daqueles homens, pareciam ser mais alegres assim. Quem sabe aquele espaço feminino fosse também uma libertação, mesmo que momentânea, do machismo do lar, exercido pelo pai ou pelo marido;

Quando a gente trabalhava era cantando, era rindo, era contando piada. Tudo que a gente fazia naquela época a gente fazia alegre, por amor. As vezes tava chovendo e a gente ia tirar aquela fibra, tomava banho na chuva. Ai a gente colocando no varal e a água caindo e a gente tomando banho, ah era muito bom, isso em João Jerônimo né. Passei muitas fazes muito boas. Lá em Osvaldo já era diferente, já ninguém ia pra campo, lá em Osvaldo era misturado, era homem e mulher, assim, as mulheres, num era misturado porque as mulheres ficavam num galpão, os homens noutro pegado a fibra, jogando e a mulher pegando e amarrando e jogando por outro lado, pra depois fazer os fardo e os carros levar. Era melhor em João Jerônimo, ganhava mais, mais era muito atribulado, era muita mulher, muito homem.<sup>4</sup>

Para Maria de Lourdes aquilo era até bom, um espaço onde a alegria era mais intensa, mais livre. Melhor do que quando mudou para trabalhar na fazenda de Osvaldo, onde o trabalho era junto, homens e mulheres. As fibeiras, ainda sofriam um outro tipo de violência, dentro do trabalho elas eram consideradas frágeis, vulneráveis e mais preguiçosas, portando os homens determinavam que o pagamento de uma mulher deveria ser a metade do pagamento oferecido aos homens. Duas

---

<sup>3</sup> Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

<sup>4</sup> Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

mulheres não valem nem por um homem, diziam. Outra coisa que chamava a atenção eram as vestimentas, se por um lado, o grande chapéu de palha, o casaco de mangas compridas e a calça comprida protegiam do sol e do contato direto com a fibra, essa indumentária também servia para esconder aquilo, que para o machismo a mulher tem de mais perigoso; o seu corpo. Tipo de vestimenta, também é bastante semelhante da usada pelas mulheres nos canaviais. A mulher além de isolada, ficava também escondida.

Quase sempre, o marido trabalhava no motor e a mulher, ou suas filhas ficavam na fibra, então esses homens queriam ocultar o corpo feminino daquelas que faziam parte de sua família, assim as esconderiam dos olhares, dos desejos daqueles homens que tinham como conduta o ser macho, ser dominador, sobretudo, sexualmente. Maria Hélia desobedeceu isso, mãe, negra e separada ela se recusava a vestir aquilo.

Eu não gosto muito de lembrar porque a gente sofria demais. Essa hora no sol quente, eu era da cor dessa televisão de preta, do sol. Eu nem botava calça comprida, nem chapéu na minha cabeça. Botava só um casaco por causa da fibra. Era um calor da mulinga.<sup>5</sup>

O calor, certamente dificultava muito a vida dessas mulheres que usavam essas roupas. Trabalhando a céu aberto, elas passavam horas debaixo do sol escaldante, ao contrário dos homens que ficavam no motor, que ficavam ou debaixo de uma latada improvisada ou debaixo de alguma árvore de sombra, estando ao menos parcialmente protegidos do sol. Além disso, elas ficavam distantes e só vinham ao motor nas horas das refeições, em alguns casos, como relata Maria Hélia, comiam ali mesmo, e voltavam ao trabalho. A hora de comer o feijão era, muitas vezes um momento de briga, de disputa, onde os homens queriam exercer seu domínio e mulheres, semelhante a Julieta de Castro ousavam desafiar aqueles códigos opressores;

A gente fazia fogo. Ora conversava, num tinha tempo de conversar não. A gente chegava e ia pra fibra, ai quando chegava de onze horas, aí o puxador que tava lá atiçava o fogo, ai quando nós chegava, ai naquela hora a gente botava mais água no feijão, ai botava sal, tempero não, que não existia tempero. Só era a água, o sal e o feijão. Feijão véi preto, da cor de tirma, tão duro. A gente ia comer de doze horas, era durim, desse feijão véi preto. Todo mundo almoçava junto. E tinha vez quando a gente chegava, eles parava o motor de onze horas e ia comer. Ai a gente que tava na fibra, estendendo e virando fibra, só chegava mais tarde. Quando chegava num tinha mais nada, nem feijão, tinha só o caldo limpim. Ai eu dizia, oxente a gente trouxe o feijão pra botar no fogo e vocês comeram? Ai eles dizia, “ah, todo mundo bota uma chicra, aí dentro da panela”, eu digo, eu botei a conta que dava pra eu pra

---

<sup>5</sup> Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

comadre Rita. Ele dizia, “como caldo se quiser, se não quiser vá simhora pra casa”. Ai eu disse, pia comadre Rita, é a lei do diabo, essa da gente aqui, era. Ai tinha vez que num tinha vez que eles nem tinha respeito, dizia tanto palavrão no mundo, lá no motor. Eu dizia, respeite que minha irmã é casada e eu sou uma criança, me respeite. Eles dizia, “num tem respeito não aqui, pra quem trabalha no motor junto com os machos num tem respeito não”. Foi, mais eu sofri muito. O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele ta pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavrão que fazia vergonha. No motor de agave. Acredita? Era João de Conceição. Eu sofri muito.<sup>6</sup>

De fato, em alguns momentos parecia prevalecer a “lei do diabo” do diabo masculino e opressor. A cena narrada por essa senhora mostra como a violência de gênero que operava no dia-a-dia, nas relações cotidianas. Das quatro mulheres que colaboraram com esta pesquisa, apenas Julieta de Castro narra tantas tensões na relação entre os homens e as mulheres no trabalho com agave. Eu poderia dizer que isso se dá por causa de seu temperamento forte, evidente durante toda a narrativa, essa seria uma explicação em um primeiro momento. Mas comparando as entrevistas percebo que as outras, que narram menos conflitos e embates tem uma coisa em comum, o fato de terem um homem como ponto de referência trabalhando no motor.

Maria Hélia tinha seu pai trabalhando junto com os outros homens, e isso lhe permitia estar no motor quando quisesse, isso só deixa de acontecer quando ele morre, aí ela começa a se distanciar dos homens, ficava só no campo, comia ali mesmo. As fronteiras entre os homens se alargam quando ela perde sua referência masculina, com a ausência da imagem protetora de seu pai, Dona Hélia passa, inclusive, a limitar os espaços por onde podia andar, ou ficar juntamente com os homens. Após a morte de seu pai ela deixa de cozinhar com os homens e faz suas refeições longe deles, de maneira isolada, juntos às fibras que estendia.

Outra mulher entrevistada, Maria de Lourdes Oliveira, tinha uma condição ainda melhor. Seu pai, Agenor Cassimiro, era, durante o período em que ela trabalhou como fibreira, o administrador da fazenda São Domingos, que pertencia a João Jerônimo. Seu pai, a quem chamavam de encarregado, era responsável por vigiar o trabalho dos candangos, o funcionamento dos motores e elaborar a lista de pagamento dos trabalhadores, ele era a extensão do poder do patrão. Evidentemente isso lhe fazia um homem temido, ou no mínimo, respeitado. E quem ia desrespeitar sua filha? Ela não se refere a nenhuma cena de violência de gênero, possivelmente, não tenha presenciado mesmo. Até porque, seu pai era como se fosse o patrão, então a ela se direcionava certo respeito. Ela narra que;

---

<sup>6</sup> Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

Não. Era separado. Porque os homens ficaram lá, eu e minha irmã, que na época era adolescente, a gente teve uma época que a gente pegava o agave, os homens limpava, puxava, no meu tempo chamava assim, puxava o agave, ai outro, o que chamava bagaceiro, que pegava o bagaço, amarrava e eu pegava e colocava no burro e levava pra outro canto pra as mulher estender. Na época quando era adolescente o meu trabalho era esse, depois quando fiquei maior eu fui estender, lavei também o agave, mais era separado o povo. Não. Não tinha nada a ver. Porque meu pai não ficava bem no foco, teve época que ele ficava bem no foco, mas depois ele ficava na fazenda inteira. A turma que eu trabalhava sempre me respeitava, mesmo que a gente num ficava muito lá. A gente pegava o agave, levava pra fazenda, o agave era no mato, nos campos lá. Naquela reta grande que você sabe onde é. A gente pegava o agave, colocava no burro e ia pra fazenda, que os canto de estender era na fazenda. Então, em São Domingos pelo menos, não tinha disso não. Eu não vi nem falar. Porque eu só trabalhei lá, lá e em Osvaldo.<sup>7</sup>

Ainda, uma terceira mulher fala de não ter presenciado esse tipo de coisa, mais uma vez trata-se de quem tem uma relação com um homem do motor, nesse caso, Marineide Duvalés se refere com saudades do seu pai, sempre severo e correto. Ainda uma coisa deve ser levada em conta em sua narrativa, ela não era fibreira, visitava o motor apenas para observar. Na infância tinha plantado agave e ajudado o pai nos mais diversos trabalhos da roça, mas quando ele melhorou de vida tirou logo ela e suas irmãs daquele trabalho, que ela diz ser o pior de todos.

Era mais homens, porque, assim, pra estender a fibra é sempre uma mulher, dificilmente tinha um homem pra trabalhar na fibra, sempre é mulher, ai eu participava assim, porque sempre tinha aquele, porque mamãe fazia muito bolo na época pra vender aquele pessoal do motor, tinha dia, era na quinta feira pra levar na sexta, mamãe fazia bolo e a gente ia lá entregar a eles, e comiam lá mesmo, debaixo dos umbuzeiro, num umbuzeiro não, numa barraca, eles montava aquela barraca e lá mesmo, aquela comida, sei lá, mas eles comiam lá mesmo, e eu vinha aqui pra casa. Mas a gente sempre tava ali. Papai deixava, papai nunca se importou, ele deixava, sempre a gente participou junto com aqueles, que chamava os candango de motor. Pode ir com eles, ai a gente sempre tava participando de tudo. Ajudava só não mamãe que num ia, mais a gente ajudava quando era aqui perto, aquilo dava uma coceira sem fim gente, aquela fibra do agave. É difícil, mas.<sup>8</sup>

Maria Hélia, Maria de Lourdes e Marineide tinham uma coisa em comum que as distinguiu de Julieta de Castro. As três primeiras contavam com um homem da família no espaço do motor, eram respeitadas não por causa delas, mas por causa deles. O que se constitui também em uma

---

<sup>7</sup> Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

<sup>8</sup> Marineide Pereira Duvalés, entrevista concedida em 19/12/2014.

violência, em um apagamento do sujeito em detrimento de outro. Sem eles, elas voltariam a ser mulheres mal faladas, disputadas como objetos de desejo entre aqueles homens. O corpo feminino é transpassado assim por vários discursos, que as inferiorizavam, que as anulavam, essas mulheres eram transpassadas por uma regulamentação binária da sexualidade (BUTLER, 2014, p, 41).

Dessa forma as mulheres eram classificadas de acordo com categorias de exclusão, sua presença no espaço habitado pelos homens não era apenas indesejada, mas era regulamentada por um sistema de exclusão. Se podiam adentrar ali era porque estavam tuteladas pela presença masculino de um parente próximo ou cônjuge. O corpo era o corpo maldito, indisciplinado e até mesmo nocivo ao desenvolvimento do trabalho, elas poderiam desviar os olhares, as atenções. Poderia causar acidentes? Em certo sentido sim. Não apenas nos corpos, mas também em suas vidas, em suas subjetividades. É certo que o masculino, mesmo em sua visível força e dominação, teme a mulher. A separação entre os gêneros que é possível observar nesse mundo do trabalho queria não apenas promover uma divisão social e sexual do trabalho no motor, há uma vontade escondida por trás disso, não é uma coisa natural. Há uma vontade de controlar os *fluxos de desejos* (ALBUQUERQUE JR., 2013) que poderiam contribuir para um desmantelamento da subjetividade masculina, pautada na razão, na produção econômica e na sociedade ainda patriarcal.

Mas essas mulheres, cada uma de sua maneira, também criaram novos espaços de invenção de si, souberam aproveitar as brechas de um sistema opressor e forjarem novas artes de viver<sup>9</sup>, maneiras artísticas de existência. Essa arte da existência se mostra, sobretudo, através da desobediência, em ações demarcadas como proibidas pelos homens, para subverter a dominação masculina elas viviam namorando escondido, saindo para lugares não permitidos. E, até mesmo, coisas simples, triviais para quem estava fora daquela realidade a que foram submetidas, como cantar com as amigas e criar um espaço de alegria, de felicidade momentânea, tudo isso se constituía em uma nova forma, inventada, planejada longe do poder do macho, de ser mulher.

Julieta de Castro é um exemplo de mulher que se revolta com a condição que era forçada a viver, em sua narrativa conta as diversas vezes em que “bateu boca” com os “caba” do motor, os

---

<sup>9</sup> Michel Foucault em seus estudos sobre os mecanismos de produção de subjetividade buscou, na moral greco-latina e em estudos de algumas tecnologias do eu, onde são encontrados elementos que permanecem na moral moderna os temas do “cuidado de si” e do “uso dos prazeres”, estudando os jogos de verdade na relação de si para si, e a constituição de si mesmo como sujeito, o que implica em pensá-lo como criação, como invenção de si. Ou seja, o filósofo propõe um deslocamento histórico, para observar a possibilidade de constituir-se como sujeito de outro modo, sem os mecanismos disciplinares, que haviam tematizado seus estudos anteriores, e a partir disso pensar a atualidade, pensar a vida como uma arte em que o sujeito cria, tem a capacidade de fazer de sua existência uma obra de arte, nesse sentido a existência humana passa a ser pensada como uma Estética da Existência. Ver. FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp, 281-286.

motivos eram diversos, certa vez ela discutiu com seu cunhado por não tolerar tanto desrespeito, de outra vez ela reagiu por ter passado a manhã inteira trabalhando na fibra e quando chegou para fazer a refeição não tinham deixado nada pra ela, só tinha o caldo de feijão. Segundo ela aquilo era a “lei do diabo”. Em alguns momentos da narrativa, e não são poucos, ela fala muito do sofrimento que as mulheres passavam, trabalhando muito e ganhando pouco, sofrendo todo tipo de violência, se submetendo àqueles homens brutos, quase animalizados.

Mas, ela, assim como as outras, como as outras sabia escapar, sabia aproveitar as poucas oportunidades que tinha para forjar suas subjetividades de mulher, de “mocinha” como ela fala, mesmo em casa essas mulheres não escapavam desses dispositivos de exploração, ali estavam tuteladas por uma estrutura familiar que também oprimia, que as tornava responsáveis pelas coisas de casa, por ajudar nas tarefas domésticas;

Ai no domingo, mãe botava o quilo de porco no fogo, botava o arroz e a gente almoçava, ai, ia lavar roupa dos meninos do motor de agave, ia pros tanques de manhã lavava a roupa, ai nois, tomava banho nos tanques, ai almoçava. E nois dizia, agora nois vamo pra rua. Mãe dizia “vai nada, vai remendar as roupas dos meninos, do motor de agave.” Eu dizia, ai minha Nossa Senhora, eu quero ir pra rua. Ai pegava a agulha veia, botava a linha e ia botar os remendos nas camisa deles, nas calças, ai quando remendava, ai quando eu vinha pra rua era três horas da tarde. Ai assistia a novena de noite, ai na rua, no domingo, a novena. Ai quando dava dez pra onze horas a gente ia pra casa, eu e ela sozinha. As vez, nois arrumava namorado, eu ia com um e ela com outro. Eles deixar na porta de casa. Deixava a gente porta. Ai o povo ia dizer aos meninos. Ai foram dizer que eu tava namorando com um soldado. E ele ia me deixar na porta de casa. Ai ele me deu uma pisa com uma macaca de boi, quase que me matava, com a macaca. O soldado disse, “eu vou matar ele com um tiro na boca”, ai eu disse, não, não faça isso não, porque se você fizer, eu acabo agora mesmo. Eu disse, vamos namorar escondido.<sup>10</sup>

Essas mulheres não fizeram nenhum tipo de grande revolução, não protagonizaram nenhum evento da luta pela humanização daquele trabalho, o seu mérito está em, nos pequenos e moleculares espaços, subverterem a ordem. Ficaram ocultas, “isoladas no campo”, como narrou um dos colaboradores da pesquisa, e hoje elas só desejam ser ouvidas, pois isso possibilita a elas se constituírem narrativamente, criarem uma identidade que lhes foi negada, uma subjetividade feminina quase sufocada pelo machismo dos homens do motor.

Mulheres simples, mulheres de fibra, que conseguiram subverter códigos contrariar disciplinas e dar um rosto feminino ao duro e difícil trabalho nos campos e motores de agave que se

---

<sup>10</sup> Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

espalhavam por Cubati, a partir da segunda metade do século XX. Mulheres fortes, mulheres frágeis, de aço e de flor.

## **REFERÊNCIAS:**

ALBUQUERQUE, JR. Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

JUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp, 281-286.

SEGATTO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia**. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.